Apêndice H - Artigo

CULTURA POPULAR COMO *MEDIUM* ENTRE JOVENS E VELHOS:

protagonismo juvenil e valorização da memória cultural na Zona da Mata Norte de Pernambuco-BR[115]

Júnia Mara Dias Martins

Resumo

Mutável, constantemente transformada no tempo e no espaço, a cultura popular certamente tem, nos indivíduos mais idosos[116], parte relevante da sua memória. São eles verdadeiros guardiões do saber popular que, na comunicação com o outro e com o mundo, revelam crenças, valores, costumes e histórias que auxiliam na compreensão de relações socioculturais de grupos, comunidades, regiões. Mas como estes idosos transmitem seus saberes nos dias de hoje? Para quem? Quais são os espaços de mediação e por quais instrumentos ela é sustentada? Em qual(is) contexto(s)? Este artigo tenta responder a estas perguntas, tendo como base a Zona da Mata Norte de Pernambuco-BR. Para tanto, utiliza como método a pesquisa bibliográfica acompanhada de análise qualitativa, de caráter exploratório.

Palavras-chave: Memória; Cultura popular; Protagonismo; Jovem; Idoso.

Introdução

Na Antiguidade, a cultura de um povo era oralmente transmitida, uma atividade intergeracional impregnada de intuição, refletida no senso comum sob a forma de costumes, mitos e ritos perpetuados e reformulados por gerações. Após o advento secular da escrita, e com ela um registro mais perene das práticas de cultura popular, a contemporaneidade trouxe outros mecanismos de registro – equipamentos audiovisuais que guardam, em *frames* e *bits*, muito daquilo que a escrita não contemplava ou que o tempo antes esvanecia dos diálogos orais.

Por outro lado, maioria dos idosos, escolarizados ou não, mas provenientes de um período anterior ao da cultura digital, nem sempre dominam os recursos para gravação, edição, difusão e circulação de conteúdo. É então neste espaço que entra o protagonismo

[115] Artigo apresentado no XII Congreso Latinoamericano de Investigadores de la Comunicación. Lima, 6 a 8 de agosto de 2014, Tema: "Pensamento crítico latinoamericano e os desafios da atualidade". GT 1: Comunicação Intercultural e Folkcomunicação.

[116] É idoso, no Brasil, todo indivíduo com idade igual ou superior a 60 anos, segundo o Estatuto do Idoso.

juvenil. Jovens[117] que, com seus aparatos técnico e tecnológico, veiculam manifestações e conteúdos de cultura popular transmitidos em vídeos, programas radiofônicos e páginas na Internet, tendo como personagens mestres da cultura popular. Tal circunstância parece ser uma realidade em sítios urbanos e rurais da Zona da Mata Norte pernambucana[118], na qual tem sido observada, especialmente na última década, certa constância na itinerância de espetáculos, produção de filmes, discos e demais conteúdos; trazendo narrativas, cantos, danças, folguedos e outras tradições centralizadas na figura de mestres do saber oral, de mestres da cultura popular, por vezes também chamados de griôs[119].

A nossa proposta é submergir neste universo sociocultural da Zona da Mata Norte pernambucana, região efervescente em cultura popular e que, distante da grande mídia, parece desenvolver uma comunicação alternativa – alicerçada na identidade e memória culturais, com respeito à figura dos mais velhos e suas experiências vividas em cirandas, maracatus, sambadas, cavalos-marinhos, cocos etc.. A tentativa é perscrutar, ainda que de forma indicial, como se dá esta aproximação entre jovens e idosos, quais os espaços de interação entre as duas gerações, a realidade que os aproximam e aspectos que remetam à valorização da memória cultural.

1. Contextualização e revisão de literatura

Em uma detalhada busca bibliográfica, não encontramos nenhuma pesquisa no Brasil centrada na memória a partir da aproximação de jovens e envelhecentes com intermédio da cultura popular e suas formas contemporâneas de registro e difusão. Tal situação demonstra a necessidade de lançamento e aprofundamento do debate, num terreno fértil que poderá servir de base para o germinar de outras questões complementares – sociais, econômicas, políticas e culturais.

[117] De acordo com a PEC da Juventude, aprovada pelo Congresso em setembro de 2010, é jovem no Brasil todo cidadão com idade entre 15 e 29 anos.

[118] A Zona da Mata Norte compreende 17 municípios: Aliança, Buenos Aires, Camutanga, Carpina, Condado, Ferreiros, Goiana, Itambé, Itaquitinga, Lagoa do Carro, Lagoa de Itaenga, Macaparana, Nazaré da Mata, Paudalho, Timbaúba, Tracunhaém e Vicência.

[119] Termo surgido no noroeste africano, na região onde se situa o Mali. Ali, mestres de transmissão oral foram nomeados como *griots* pelos colonizadores franceses. Donos de um saber único e depositários da memória social das tribos e grupos étnicos, os *griots* possuem grande credibilidade entre os povos africanos, atuando como artistas, mediadores e noticiadores, numa sociedade que valoriza e respeita indivíduos idosos, por estarem mais perto dos ancestrais. No Brasil, o termo foi incorporado como *griô,* nomeando ainda um tipo de método pedagógico, a Pedagogia Griô, surgida em atividades desenvolvidas por projetos sociais voltados a crianças e jovens na cidade de Lençóis-BA.

A região delimitada, a Zona da Mata Norte de Pernambuco, constitui-se como território historicamente traçado pela monocultura canavieira, intensa concentração fundiária e superexploração de mão-de-obra. Os trabalhadores dos canaviais conviveram, ao longo de séculos, com o trabalho escravo e semi-escravo paralelo às manifestações de cultura popular nos intervalos da lida nas lavouras, nos engenhos e nas usinas de cana-de-açúcar.

Ainda hoje, a cana-de-açúcar se fixa como fonte importante da economia regional. Porém, a cultura popular parece ganhar força em registro e circulação, suscitando uma nova roupagem e perspectiva para seus mestres. Muitos deles, ex-trabalhadores da terra, guardam além dos calos nas mãos, lembranças de uma região marcada pela pobreza social e pelo colorido de ritmos e festividades. Esta memória individual, peça do mosaico de uma memória coletiva, captada por jovens entusiastas, certamente merece atenção no campo da Sociologia. Um viés que realça ainda a aproximação de gerações em período de forte individualismo e desagregação de laços sociais.

Enquanto *locus* de interação entre jovens e velhos, com elo nas culturas populares, a Zona da Mata Norte pernambucana se mostra como cenário adequado para balizar a pesquisa aqui proposta, numa interface prática e teórica entre a comunicação, a cultura popular, a memória e a sociabilidade intergeracional.

A presente investigação é pautada no tripé analítico dos termos 1. cultura popular e comunicação; 2. protagonismo juvenil; e 3. memória cultural. No espaço curto do texto, reconhecemos que estes termos são trazidos muitas vezes, implicitamente, sem grande aprofundamento, mas como ideias lançadas a outras pesquisas futuras que poderão ter maior enraizamento.

O primeiro item relaciona-se, entre outros pontos, com a definição de cultura popular, que pode ser abordada com subsídio dos estudos de Edison Carneiro (2008), Alceu Araújo (2007) e Marcos Ayala e Maria Ignez Ayala (2011). A apresentação desta cultura popular como processo de comunicação ainda encontra fôlego em inúmeros textos sobre a folkcomunicação, entre eles os de Beltrão (2001), Roberto Benjamin (2004) e Boanerges Lopes Filho et al (2012).

O protagonismo juvenil, por sua vez, quando citado, relaciona-se a termos como iniciativa, criatividade, compromisso e autonomia. Compreendemos o protagonismo como participação ativa de jovens de modo a intervirem beneficamente no meio em que atuam. Uma visão semelhante a dos autores Carlos da Costa e Maria Vieira (2006), quando afirmam que “o protagonismo juvenil é uma forma de reconhecer que a participação dos adolescentes

pode gerar mudanças decisivas na realidade social, ambiental, cultural e política em que estão inseridos." (Costa, Vieira, 2006, p. 126).

Já a memória cultural, neste artigo, associa-se com a atuação dos mestres da cultura popular e com a identidade cultural, passando obrigatoriamente pela definição de memória. É pertinente grifarmos que a memória é analisada não como algo anacrônico, referente a um passado longínquo; mas como lembranças intermitentes, outras silenciadas, evocação de informações e sensações dinâmicas e fluentes do passado e presente, além da perspectiva de futuro. Para tratar do conceito de memória, nos reportamos a autores como Peter Burke (2000), Maurice Halbwachs (1990) e Jacques Le Goff (1994).

2. Sobre memória cultural

Ao recorrer às narrativas míticas gregas, percebemos que a memória anda de mãos dadas com o tempo. Cronos (deus do tempo) era irmão da titânica Mnemosine, a qual personificava a memória. Filha do céu (Urano) e da terra (Gaia), além do poder de fazer lembrar e guardar em pensamento, Mnemosine tinha a responsabilidade de nominar todos os objetos. Ademais, entre suas nove filhas geradas a partir da relação com Zeus (deus dos deuses), temos a história (Clio). Sendo a história, filha da memória, o poder desta é também de servir como ponte entre o ser e o não-ser, entre o passado e o presente, entre o real e a imaginação – o poder de recordar na possibilidade de resgatar um momento e torná-lo eterno.

Nesta realidade simbólica, descrita outrora por Le Goff (1994), a memória nos previne do esquecimento, ao passo que nos aproxima da permanência, da imortalidade, nos reatualiza por meio das lembranças; fortalecendo a imanência da nossa natureza mortal que procura, na medida do possível, ser sempre e ficar imortal, como já diria Platão.

Ao longo dos anos, o conceito de memória tem passado, contudo, por alterações relacionadas à sua função, utilização e papel social. Maurice Halbwachs (1990), sob influência durkheimiana, afirma que toda memória é coletiva. Para ele, são as memórias construções dos grupos sociais, os quais determinam aquilo que será guardado e também as suas formas: "Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, (...) este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e (...) este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios." (Halbwachs, 1990, p.51) Sua visão harmônica omite, todavia, os conflitos simbólicos muitas vezes existentes na construção da

memória coletiva; tomando a memória coletiva como um organismo harmonioso, sem considerar as possíveis debilidades e contradições das partes deste organismo.

Peter Burke (2000), por sua vez, traz a memória social – e a individual – como seletiva. Segundo ele, "as memórias são maleáveis, e é necessário compreender como são concretizadas e por quem, assim como os limites dessa maleabilidade." (Burke, 2000, p.73). Já os estudos de Paul Thompson (1992) tendem a demonstrar a inesgotabilidade das memórias sociais, construídas e reconstruídas a todo o tempo; numa gestão dinâmica que muitas vezes utiliza o silêncio como instrumento, determinando o que deve ser guardado e o que deve ser esquecido. Este é um viés intrínseco à pesquisa que apresentamos.

Se a memória se consuma como base de transmissão do conhecimento e das experiências, seria lógico afirmar que, quanto mais vivências são acumuladas, maior o conteúdo arquivado pelo humano. Neste sentido, o idoso certamente assume um lugar privilegiado no que concerne o guardar de conhecimento, de sabedoria (Bosi, 1994). Porém, num cenário caracterizado pela hegemonia do capitalismo e, consequentemente, pelo valor dado ao indivíduo por sua capacidade de produção para o mercado, qual a posição ocupada pelo envelhecente? Destituído enquanto força de trabalho, com atividades regenerativas limitadas e funções neurológicas enfraquecidas, quem guarda as lembranças dos velhos[120]?

Acreditamos que os jovens sejam, em parte, responsáveis pelo registro das lembranças dos idosos e dos grupos aos quais pertencem, incluindo aí as experiências e valores que constroem a memória cultural. Entendemos esta como o modo pelo qual a sociedade assegura sua preservação ou mesmo reconfiguração cultural, dando continuidade ao conhecimento coletivo de uma geração a outra; uma transmissão efetuada por meio de paradigmas mnemônicos que envolvem tanto as lembranças objetivas quanto as institucionalizadas, apropriadas e ressignificadas no tempo e no espaço.

Na compreensão de que a memória do indivíduo é parte do mosaico da memória do grupo, como marca elementar à sua cultura esta memória grupal apresenta como uma das características mais intrínsecas, a identidade. "A memória do grupo baseia-se essencialmente na afirmação de sua identidade" (Wehling, Wehling, 2003, p. 13)

No contexto da cultura popular, vinculado diretamente ao conceito de identidade cultural, os jovens seriam – especialmente quando relacionados a indivíduos e comunidades ágrafos ou isentos da educação digital – responsáveis pela materialização das heranças

[120] Expressão utilizada nesta pesquisa, sem caráter pejorativo, em comunhão da mesma nominação feita por Ecléa Bosi em sua obra "Memória e sociedade: lembranças de velhos"; na qual afirma que ser velho "é lutar para continuar sendo homem" (BOSI, 1994, p. 18).

simbólicas. Heranças simbólicas que encontram nas diversas mídias, espaço não apenas de registro e difusão de conteúdo, mas de consolidação e espraiamento do imaginário individual e coletivo. Isto porque

> Os miseráveis, os marginalizados, os simplesmente pobres, os operários e os desempregados, os habitantes das cidades e os interioranos encontram na mídia uma cultura em que cada um reconhece sua medida e cada um crê identificar seus gostos e desejos. Esse consumo imaginário (em todos os sentidos da palavra imaginário) reforma os modos com que os setores populares se relacionam com sua própria experiência, com a política, com a linguagem, com o mercado, com os ideais de beleza e saúde. Quer dizer: tudo aquilo que configura uma identidade social. (Sarlo, 2004, p. 105)

Não apenas em comunidades rurais ou pouco urbanizadas, mas também nos espaços citadinos, muitos jovens atuam como protagonistas, evocando presente, passado e futuro no registro de manifestações culturais em forma de livros, produtos audiovisuais e sonoros, fotografias, textos disseminados via Internet etc.. Para conceber estas ações, é preciso, contudo, de um conhecimento prévio sobre seu conteúdo. E quando o conteúdo abarca e/ou destaca mestres da cultura popular, os jovens se aproximam destes mestres e de suas histórias, colhem suas lembranças e as transmitem, envolvem-se. Temos, então, a consumação de uma sociabilidade intergeracional que traz como força motriz, como elo comum, a comunicação por meio da cultura popular.

3. Cultura popular na Zona da Mata Norte pernambucana – contexto histórico, econômico e social

A colonização portuguesa – com seus sacerdotes e gente da nobreza – deixou como herança no Brasil, costumes, festejos, danças, narrativas, canções. Com sua cultura letrada, estimulou hábitos de "civilização", implantou a religião católica em detrimento dos cultos indígenas e africanos, massacrou ritos e mitos destas etnias (Freyre, 2005). Historicamente, a herança dominante da colonização europeia fomentou as grandes narrativas, estabelecendo relações de poder econômico, político e cultural entre os estratos sociais brasileiros. Os costumes e hábitos dos colonizadores foram somados aos saberes e práticas dos negros e indígenas, sementes que deram origem a um País de identidade mestiça genética e culturalmente (Ortiz, 1994); mas com forte preconceito arraigado às culturas das minorias, às culturas do povo. (Sodré, 2002)

Pernambuco, por sua vez, estado com intensa predominância portuguesa e holandesa nos seus primórdios enquanto capitania, recebeu como um dos legados da colonização, a marca do cultivo canavieiro. Sob a utilização de denso trabalho escravo, a rica Capitania alcançou, já no início do século XVII, a posição de maior produtora de açúcar do mundo. Incorporada à economia ainda nos tempos do Brasil colonial, a produção da cana-de-açúcar se estendeu por terras das quais os índios haviam sido expulsos. Os escravos negros, como trabalhadores nas plantações, conviviam, assim, com caboclos e indígenas também escravizados. (Freyre, 2004)

A fim de amenizar a possibilidade de rebeliões nas senzalas, senhores de engenho permitiam, por vezes, que seus escravos dançassem e cantassem. Gilberto Freyre (2005) diz que a alegria vinda dos cantos, dos batuques e danças dos escravos quebrava a melancolia e a monotonia da Casa Grande. Ao mesmo tempo, os ritmos e costumes destas ditas "raças atrasadas" eram tidos como elementos de subversão.

Mesmo após a Abolição da Escravatura no Brasil, a Zona da Mata Norte pernambucana abrigou o trabalho subescravo por séculos. No corte, colheita e produção da cana, permaneciam os negros, indígenas, caboclos e outros mestiços. Estes trabalhadores, assim como os de outrora, traziam não apenas a mesma cor de pele, mas também os costumes festivos, as tradições populares, as narrativas vindouras da oralidade herdadas dos seus antepassados. Especialmente nos fins de semana, o suor do trabalho era substituído pelo suor das danças e folguedos que tomavam conta dos engenhos noite adentro. A identidade e a sensação de pertencimento dos trabalhadores canavieiros, muitas vezes, provinham dos sons do maracatu, dos pés dançantes no terreiro sincronizados na ciranda, do balanço do bumba-meu-boi, do reisado, do cavalo-marinho, entre outros.

A Zona da Mata Norte pernambucana é, portanto, palco de uma diversidade cultural singular. Tal diversidade, proveniente da miscigenação ali formada, nutriu pesquisas como as de John Murphy (2008), na abordagem do cavalo-marinho; de Guerra Peixe (1981) e de Katarina Real (1990) sobre maracatus; de Roberto Benjamin (1989) acerca de folguedos, danças e outros patrimônios culturais.

Nos últimos anos, contudo, paralela à decadência das pequenas e médias propriedades açucareiras – e com isto, a falta de perspectiva de muitos trabalhadores rurais que nasceram e cresceram naquela região –, é comum observarmos em conteúdos midiáticos (na internet, em *outdoors*, jornais impressos, programas de rádio e tevê), a atuação dos mestres em diversos produtos e manifestações da cultura popular; revelando assim, na riqueza

da sua oralidade, imagem e história, traços importantes da memória individual e coletiva, como também da identidade sociocultural do lugar e região em que vivem e transitam.

Normalmente, as apresentações dos mestres ou participação em projetos são impulsionadas e/ou acompanhadas por jovens protagonistas; parte destes integram instituições sem fins lucrativos, outros trabalham voluntariamente, alguns atuam como pesquisadores, outros são simplesmente simpatizantes das festas em que estes mestres se apresentam – tanto no terreiro, quanto na cidade. Como exemplo de ações destes jovens, temos publicação de livros e *blogs*, concepção e realização de projetos culturais, roteirização e produção de filmes, mostras fotográficas, produção de discos e oficinas, tendo os mestres da cultura popular como personagens de destaque.

A participação dos mestres em manifestações de cultura popular – como o Festival Canavial[121], por exemplo –, parece adquirir uma visibilidade até então inédita e remonta a discussão sobre as imbricadas relações entre a mídia e a cultura popular[122] (Marques de Melo, 2008; Canclini, 1983). As práticas culturais, em suas exibições midiáticas, agora tendem a representar mais que simples distrações de entre-períodos do descanso da lida no canavial. Por outro lado, os mestres são evidenciados publicamente como profissionais da cultura popular (e não como meros brincantes), exibidos como guardadores do saber e aparentemente respeitados enquanto tais. São eles, sem dúvida, peças essenciais para a memória cultural da Zona da Mata Norte de Pernambuco.

4. Cultura popular como *medium* entre jovens e velhos

Na Zona da Mata Norte de Pernambuco, como já apontado, encontramos efervescência cultural que envolve desde atividades de formação e capacitação de jovens em atividades culturais a eventos e produtos concebidos por esta juventude junto a mestres da cultura popular. Os mestres, que convivem diariamente com os jovens, envolvem-se em

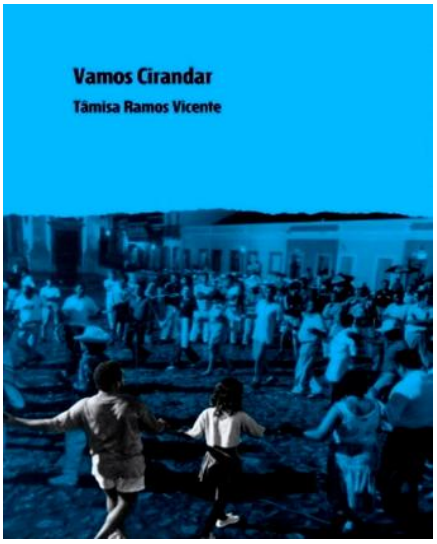
[121] O Festival Canavial está em sua sétima edição. Mobiliza todos os municípios da Zona da Mata Norte, reunindo todo ano, durante um mês, ações pontuais (oficinas, seminários, mostras de cinema, atividades de leitura etc.) e espetáculos de cultura popular itinerantes. Em 2013, o Festival trouxe entre seus homenageados, Severino Feliciano da Silva, o Mestre Biloco. Aos 70 anos, Mestre Biloco é figura importante da Zona da Mata Norte, atuando como cantador em cirandas, frevos, maracatus e sambadas.

[122] As manifestações de cultura popular – genuinamente compreendidas enquanto cultura proveniente do povo, práticas de grupos subalternos (Ayala; Ayala, 2011) – trazem, diante do cenário midiático contemporâneo, aproximações com fronteiras da cultura de massa. Estas aproximações são decorrentes, entre outros aspectos, das transformações econômicas e sociais; com expansão do acesso a tecnologias, industrialização de bens e conteúdos referentes à cultura popular e, ao mesmo tempo, incorporação de elementos da grande mídia por parte de grupos culturais populares. Este cenário reflete a atual identidade cultural na pós-modernidade. (Hall, 2005)

atividades de artesanato e contação de histórias; participam de brincadeiras como maracatu, cavalo marinho e ciranda; assim como são personagens de registros fotográficos, discos, documentários, livros, programas de emissoras de rádio etc.. Estes produtos culturais são veiculados em *blogs* e redes sociais, festivais de cinema, exposições regionais e nacionais, eventos itinerantes pela Zona da Mata Norte pernambucana. Por trás da realização destas atividades, estão jovens partícipes de organizações não governamentais, de Pontos de Cultura[123] e da própria comunidade regional.

Trazemos amostra de alguns produtos concebidos:

Figura 1: Capa do livro da jovem Tâmisa Vicente, que traz a ciranda e os mestres da cultura popular.



Fonte: A autora

Figura 2: Cartaz do projeto "Tem samba no terreiro", promovido por jovens de associações da Zona da Mata Norte em parceria com o Governo do Estado de Pernambuco.



Fonte: Site do Festival Canavial[124].

[123] Pontos de Cultura são instituições reconhecidas jurídica e socialmente, que recebem apoio financeiro e técnico do Estado para desenvolver atividades de impacto sociocultural em suas comunidades, fortalecendo e/ou ampliando ações preexistentes. A instituição submete seu projeto a edital público e, se contemplada, é conveniada ao Ministério da Cultura (MinC), recebendo o valor de R$ 180 mil para ser investido, conforme projeto apresentado, num período de 3 anos. Do valor total recebido pela instituição, R$ 50 mil é para aquisição de equipamentos audiovisuais. A gestão é compartilhada entre o Estado, a instituição e a comunidade. Enquanto o Estado atua como financiador e auxiliador técnico, o Ponto de Cultura decide quais atividades, públicos e colaboradores serão contemplados com o valor investido.

[124] http://pontaocanavial.com.br/2013/page/3/ Acesso em 27 de fevereiro de 2014.

Figura 3: Foto ilustrativa de matéria que traz o jovem cantor Siba, que realizará show com mestres da Zona da Mata Norte pernambucana.



Fonte: Jornal do Commercio, Pernambuco, 29/01/2014.

Figura 4: Exposição "Maracatu Rural", em Brasília, expõe fotografias, documentos, indumentárias, áudios e vídeos concebidos pelos jovens da Zona da Mata Norte, com participação de mestres da cultura popular.



Fonte: Ederlan Fábio.

Figura 5: Mostra de Cinema Canavial. Exibição de filmes com base na cultura popular regional.



Fonte: Raphael Malta Clasen.

A partir das observações de manifestações de cultura popular – permitidas por meio da convivência da autora na região e acompanhamento das informações veiculadas pela mídia sobre os municípios abrangidos – percebemos algumas particularidades relacionadas às ambiências e ambientes de convivência entre jovens e velhos:

1. Há normalmente uma relação social, histórica e pessoal de cada indivíduo com o lugar e a cultura popular;

2. Parte da interação é possível porque o trabalho de formação, capacitação e disseminação das atividades e ações geralmente promovem o intercâmbio de vivências e experiências, usos e costumes, crenças e crendices, brinquedos e brincadeiras entre jovens e idosos;

3. O protagonismo juvenil e suas formas de manifestação tem se voltado ao local, seguindo um caminho já revelado pelos *mass media*, no qual há a valorização das peculiaridades socioculturais da microrregião;
4. Os instrumentos utilizados para registro e difusão das manifestações de cultura popular atendem à vontade e curiosidade dos jovens em manipular aparatos tecnológicos para produção audiovisual e sonora. Eles utilizam, assim, o conteúdo que lhes é próximo, relacionado à memória e identidade culturais.

Os principais espaços de convivência observados entre jovens e idosos foram:

1. Apresentação de grupos culturais durante o carnaval, abarcando manifestações típicas da região;
2. Ensaios de maracatu, coco, samba, ciranda e cavalo-marinho nos diversos municípios e zonas rurais;
3. Associações de artesanatos, que geram renda a partir da produção de artefatos como cerâmicas, utensílios domésticos, roupas bordadas, desenhos em azulejos; utilizando matérias-primas como fibra de bananeira, argila, fibra de peri peri etc.
4. Nas próprias habitações dos idosos, onde brincam, cedem seus depoimentos para inserção em documentários, ou são fotografados como personagens para exposições fotográficas, por exemplo.
5. Estúdios de filmagem e gravação de áudio e vídeo;
6. Rádios comunitárias, nas quais mestres da cultura popular concedem entrevistas;
7. Eventos culturais públicos promovidos pelo governo ou pelas próprias organizações da sociedade civil.
8. Comunidades rurais ou citadinas, onde os mestres populares são reconhecidos por seu saber, possuindo respeito dos demais moradores, e atraindo jovens em seus diálogos cotidianos.

A participação de jovens nas atividades pode ser ainda considerada como circunstância de empoderamento, na direção em que estes jovens se apropriam de instrumentos para transmitirem suas ideias, estabelecendo o papel de importantes atores sociais diante da sua comunidade e demais grupos que integram.

> Invocar o *protagonismo juvenil* equivale, portanto, a motivar o jovem a comportar-se como "principal ator" social, em outras palavras, como o

> principal agente do poder que o controla. Também equivale a dizer que o *jovem protagonista* é o principal responsável pela sua integração à sociedade, e que todos podem e devem ser *protagonistas*.(Souza, 2008, p. 166)

Neste sentido, as hipóteses levantadas no processo de investigação assim foram delineadas:

1. A partir da aproximação com os mestres da cultura popular, os jovens passam a refletir sobre a importância da transmissão das tradições e valores intuídos pela cultura popular, assim como sobre a possibilidade de mudanças quanto à percepção da velhice e do envelhecimento;
2. A aproximação com os jovens estimula os mestres da cultura popular a refletirem sobre o seu estar no mundo e no espaço da comunidade, enquanto sujeitos importantes para a valorização da memória cultural local e regional;
3. A utilização de equipamentos e veículos tecnológicos de registro e difusão da cultura popular pode estimular a aproximação de gerações, reforçando mudanças comportamentais e ideológicas;
4. As manifestações de cultura popular, com exaltação aos mestres, memória e identidade culturais, têm movimentado a Zona da Mata Norte de Pernambuco, trazendo novas perspectivas social, cultural e econômica especialmente às comunidades rurais.

No contexto de marginalização social e econômica que envolve grande parte da Zona da Mata Norte pernambucana, especialmente a zona rural, ações culturais como as que têm sido desenvolvidas tendem a aumentar a autoestima daqueles que integram as atividades; fomentar a circulação de produtos culturais distintos daqueles veiculados pela grande mídia; fortalecer os laços identitários culturais; além de favorecer a comunicação entre distintos municípios e gerações.

Considerações finais

Entendemos que, por serem levantadas a partir de observação assistemática, as hipóteses aqui lançadas necessitam de uma investigação mais aprofundada para possível validação ou negação. Uma investigação que se valha de etapas metodológicas rigorosas em

percepção e destreza, na seleção específica de manifestações e sujeitos envolvidos. Uma boa sugestão para o desenvolver desta investigação seria contatar e entrevistar estes sujeitos, numa abordagem que pudesse utilizar a metodologia da História Oral, a fim de enriquecer o conteúdo com relatos.

Neste ínterim, as etapas da pesquisa propostas passariam pelo mapeamento das manifestações de cultura popular[125] sobressalentes na Zona da Mata Norte pernambucana; delimitação das manifestações de cultura popular que têm como destaque integrantes com idade superior aos 60 anos – cirandeiros, coqueiros, sanfoneiros, mestres de maracatu, brincantes do cavalo-marinho e outros. A partir da seleção e entrevistas destes mestres da cultura popular, seria perscrutada a valorização da memória e da identidade culturais, interação com os mais jovens e com as novas formas de registro e difusão da cultura popular.

Uma outra etapa importante seria a de identificação, seleção e entrevistas de jovens protagonistas – nas manifestações optadas – buscando compreender as estratégias de mediação e midiatização[126] da cultura popular por eles utilizadas e sua percepção sobre a interação com os mais velhos.

O objetivo primeiro de uma investigação como esta é pesquisar a valorização da memória cultural, seus espaços de mediação e midiatização construídos a partir da interação entre jovens protagonistas e mestres da cultura popular; descortinando, quem sabe, novos perfis e relações de ativistas midiáticos contemporâneos.

Referências

ARAÚJO, A. M. (2007). *Cultura popular brasileira.* São Paulo: Martins Fontes.

BAUMAN, Z. (2005). *Identidade.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Col. Raízes).

AYALA, M.; AYALA, M. I. (2011). *Cultura popular no Brasil.* São Paulo: Ática. (Col. Princípios).

BENJAMIN, R. (1989). *Folguedos e danças de Pernambuco.* Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife.

[125] Como material de apoio para mapeamento das manifestações, será utilizado o Dicionário do Folclore Brasileiro, de Luiz da Câmara Cascudo (2012).

[126] Muniz Sodré (2006, p. 20) esclarece os conceitos de mediação e midiatização. Conforme o autor, "está presente na palavra mediação o significado da ação de fazer ponte ou fazer comunicarem-se duas partes". Já midiatização remete a "uma ordem de mediações socialmente realizadas caracterizadas por uma espécie de prótese tecnológica".

LOPES FILHO, B.; FERNANDES, G. (2012). *A Folkcomunicação no limiar do século XXI.* Juiz de Fora: Editora UFJF.

BOSI, E. (1994). *Memória e sociedade:* lembranças de velhos. 3ed. São Paulo: Companhia das Letras.

BURKE, P. (2000). História como memória social. In: *Variedades de história cultural.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

CANCLINI, N. G. (1983). *As culturas populares no capitalismo*. São Paulo: Brasiliense.

CARNEIRO, E. (2008). *A sabedoria popular*. São Paulo: Martins Fontes.

CASCUDO, L. da C. (2012). *Dicionário do Folclore Brasileiro.* 12ed. São Paulo: Global.

COSTA, C. G. da; VIEIRA, M. A. (2006). *Protagonismo juvenil:* adolescência, educação e participação democrática. Salvador: Fundação Odebrecht.

FREYRE, G. (2005). *Casa Grande & Senzala.* 50 ed.. São Paulo: Global.

_____. (2004) *Nordeste:* aspectos e influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil. 7ed. São Paulo, Global.

HALBWACHS, M. (1990). *A memória coletiva.* São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais.

HALL, S. (2005). *Identidade cultural na pós-modernidade.* São Paulo: Empório do Livro.

LE GOFF, J. (1994). *História e memória.* Campinas, SP: Ed. UNICAMP.

MARQUES DE MELO, J. (2008). *Mídia e cultura popular*. São Paulo: Paulus.

MURPHY, J. P. (2008). *Cavalo Marinho pernambucano*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

ORTIZ, R. (1994). *Cultura brasileira e identidade nacional*. 5ed. São Paulo: Brasiliense.

PEIXE, C. G. (1981). *Maracatus do Recife.* São Paulo-Recife: Irmãos Vitale/Fundação de Cultura Cidade do Recife.

REAL, K. (1990). *O folclore no carnaval do Recife*. Recife: Massangana.

SARLO, B. (2004). Culturas populares, velhas e novas. In: *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina*. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora UERJ.

SODRÉ, M. (2002). *Mestre Bimba: corpo de mandinga.* Rio de Janeiro: Manati.

_____. (2006). Eticidade, campo comunicacional e midiatização. In: MORAES, Denis. *Sociedade Midiatizada*. Rio de Janeiro: Mauad.

SOUZA, R. M. de. (2008). *O discurso do protagonismo juvenil.*São Paulo: Editora Paulus.

THOMPSON, P. (1992). *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

WEHLING, A.; WEHLING, M. J. (2003). As estratégias da memória social. In: *Brasilis*: Revista de História Sem Fronteiras. Rio de Janeiro: Editora Atlântida, Ano 1, n. 1.